

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-018

Entrevistado: Robson Antônio Lorenzoni

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 14/03/2007

Horário da entrevista: 18h45min

Duração da entrevista: 38min50seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rafael Almeida Santos (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 31/03/2007

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 02/04/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo, a data e o local de nascimento?

Robson Lorenzoni – Robson Antônio Lorenzoni, 17 de maio de 1957. Eu nasci em Domingos Martins, no Espírito Santo.

Keka Simões – Qual o nome dos seus pais?

Robson Lorenzoni – Éden Lorenzoni e Áurea Barbosa Lorenzoni.

Keka Simões – De onde eles eram?

Robson Lorenzoni – Meu pai é nascido em Domingos Martins e minha mãe, em Vitória¹.

Keka Simões – Em que seu pai trabalhava?

Robson Lorenzoni – Era cirurgião-dentista, agora aposentado.

Keka Simões – E sua mãe?

Robson Lorenzoni – Minha mãe, do lar.

Keka Simões – O senhor tem irmãos?

Robson Lorenzoni – Tenho mais quatro irmãos. O mais velho, Éden Lorenzoni Júnior; o segundo sou eu; o terceiro, Antônio Lorenzoni Neto; Ana Kátia, a mais velha das mulheres, e Alexandra Lorenzoni, a caçulinha.

Keka Simões – E a profissão deles?

Robson Lorenzoni – O meu irmão é administrador de empresas. Eu sou engenheiro florestal. O Tônico é turismólogo. A Ana Kátia é administradora de empresas e a Alexandra também.

Keka Simões – Como e onde foi sua formação profissional?

Robson Lorenzoni – Eu comecei em Vila Velha², no Grupo Escolar Naidés Brandão. Depois passei para o Colégio Marista, até o Científico³. Depois tentei vestibular na Universidade Federal de Viçosa. Me formei em Viçosa⁴ e fiz meu mestrado lá também.

Keka Simões – Como foi essa escolha pela Engenharia Florestal? Como isso se deu?

¹ Capital do Espírito Santo.

² Município do Espírito Santo.

³ Hoje, Ensino Médio.

⁴ Município de Minas Gerais.

Robson Lorenzoni – Foi um acidente. Eu comecei fazendo Engenharia Agrícola. No meio, no quarto período, eu descobri que não era a minha linha. Pesquisei alguns cursos da Universidade e vi que Engenharia Florestal estava mais alinhado com aquilo que eu queria. Foi onde eu consegui me formar e fazer até o mestrado.

Keka Simões – Seu mestrado é na mesma área?

Robson Lorenzoni – É na mesma área, em Ciências Florestais.

Keka Simões – Em Ciências Florestais. Sua dissertação trabalhou o quê?

Robson Lorenzoni – Ela trabalhou uma coisa misturada mais com Matemática aliada à Ciência Florestal: a simulação de localização de praças de fornos em áreas de carvoejamento de eucalipto. Na época, era o *boom*, o destaque aqui em Minas Gerais.

Keka Simões – Quando se formou, como foi o início da sua vida como engenheiro florestal? Onde você trabalhou, antes de chegar à Companhia Vale do Rio Doce?

Robson Lorenzoni – Resumidamente, eu saí para trabalhar, em 1983, na Companhia Agrícola Florestal Santa Bárbara⁵, do Grupo Belgo Mineira⁶, dentro da minha área de atuação. Depois eu saí para fazer o mestrado, as matérias, começar minha tese. Posteriormente, fui para a Copener⁷, na Bahia. Em Alagoinhas, na Bahia, eu desenvolvi atividades correlatas à minha profissão. Voltei para defender minha tese, em 1988. Após, voltei para minha terra, o Espírito Santo, trabalhando na Aracruz Celulose, uma empresa de papel celulose, dentro da área de planejamento, economia, que era o meu forte. Saí de lá, voltei para Viçosa, para a Sociedade de Investigações Florestais, onde fiquei por quase cinco anos na... Na Aracruz também, por quase cinco anos. Nessa Sociedade de Investigações Florestais eu pude ampliar um pouco o meu leque, porque ela fazia o meio de campo entre empresa e universidade, no desenvolvimento de pesquisa. Então, foi um aprendizado muito bom! Saindo de lá, eu tive um revés: “Quero experimentar outra coisa”. Fui ser gerente de restaurante, de grande restaurante! [riso] Isso desenvolveu um lado hoje que é... Eu adoro cozinhar! E passei no concurso da Prefeitura Municipal de

⁵ Companhia Agrícola Florestal Santa Bárbara Ltda (CAF), empresa relacionada a projetos de desenvolvimento ambiental.

⁶ Belgo Mineira Companhia Siderúrgica.

⁷ Copener Florestal, empresa relacionada a desdobramento de madeira de eucalipto.

Viçosa⁸, na Secretaria Municipal de Meio Ambiente, onde fui responsável pelos projetos de arborização e paisagismo na Grande Vitória: reflorestamento das áreas impactadas em Vitória, morros principalmente. Eu desenvolvi esses projetos de reflorestamento. Aí foi crescendo essa veia mais para o lado ambiental, de recuperação ambiental, que é o meu forte hoje. Na Prefeitura, eu recebi um convite para trabalhar na Companhia Vale do Rio Doce. E estou aqui, desde o dia dois de abril de 2001.

Keka Simões – Quando recebeu esse convite, você já veio diretamente para cá ou trabalhou em outros locais, pela Companhia Vale do Rio Doce?

Robson Lorenzoni – Não, eu vim direto para Mariana. Para a Mina de Timbopeba⁹, especificamente.

Keka Simões – Chegando aqui... O que é o seu trabalho, o setor de meio ambiente de uma mineradora, no caso, a Companhia Vale do Rio Doce? Que tipo de trabalho de recomposição é feito e por que é feito? A partir de quando essa foi uma preocupação colocada... Hoje a questão ambiental está na nota do dia, mas isso é algo que é quase uma construção. Durante muito tempo, essa preocupação não existia, não é? É um processo mesmo. Como isso se dá na Companhia Vale do Rio Doce hoje, na nossa região aqui?

Robson Lorenzoni – Bom, a Gerência de Meio Ambiente da Diretoria de Ferrosos, hoje o Sudeste¹⁰ – antes era Sul¹¹ –, tem o papel primordial de licenciar as atividades minerárias da Vale do Rio Doce, perante os órgãos estaduais em que ela tem que prestar, prestar as... Dá uma cortada aí que eu engasguei. Você pode voltar e depois você corta isso aí. [riso] Então, ela tem que mostrar para o órgão ambiental, resumidamente, que ela faz e atende aquilo que o órgão exige. Esses órgãos são... Não é só um órgão, não é? É a Fundação Estadual do Meio Ambiente¹², o IEF – Instituto Estadual de Floresta, o IGAM – Instituto Mineiro de Gestão das Águas, o IBAMA¹³, os CODEMAS¹⁴ municipais e outras legislações aplicáveis. Então começa desde o licenciamento da atividade. Você aciona o órgão ambiental e ele vai exigir um

⁸ Provavelmente, o entrevistado quis dizer Vitória.

⁹ Mina explorada pela Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Ouro Preto.

¹⁰ Divisão dada pela Companhia Vale do Rio Doce correspondente às minas localizadas no Sudeste do país.

¹¹ Divisão dada pela Companhia Vale do Rio Doce correspondente às minas localizadas no Sul do país. Anteriormente, englobava também o Sistema Sudeste.

¹² FEMA.

¹³ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

¹⁴ Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental.

monte de coisas. A área de mineração é uma área que impacta, principalmente a questão cênica, visual. Ela impacta demais! Só que é um impacto localizado. Nossa vantagem é esta: é um impacto localizado. Diferente de outras atividades, como a agricultura e pecuária, em que são longas extensões impactadas e que não têm, a meu ver e nem aos olhos da Companhia e de outras mineradoras, a compensação que é dada por esse impacto, a preocupação que a empresa tem em dar essa compensação. Se você impacta um hectare de mata nativa, você tem que dar ao órgão ambiental, como garantia, pelo menos dois. Isso em função da qualidade daquela vegetação que está ali ou daquela biota¹⁵ que está ali. A partir daí, o órgão ambiental te dá uma série de condicionantes que você é obrigado a seguir: monitoramento hídrico, monitoramento atmosférico, recuperação de áreas degradadas, uma série de outras exigências para você manter a condição ideal de funcionamento e minimizar qualquer impacto ambiental advindo da nossa atividade. Bom, e onde a gente se encaixa, além do licenciamento? A partir do licenciamento são desencadeadas várias ações. Eu tenho que ir ao campo ver qual é a melhor espécie que se adapta aqui; como vou fazer para resgatar a vegetação que está ali, para garantir que aquela vegetação vá continuar ali; para onde eu posso levar – porque tem uma área que não é de mineração, mas é uma área próxima, adjacente – essa vegetação; o resgate de animais, aves. Os estudos que são feitos... Antecipei, atropeliei um pouquinho, mas são feitos vários estudos. Dependendo da exigência do órgão, nós ficamos fazendo estudos durante um ano ou mais. Às vezes, demoram dois anos para se obter uma licença dessa. Então, é uma coisa bastante séria o que a Vale faz nesse sentido. Nós temos que garantir que isso aconteça da melhor forma possível. E, logicamente, no menor custo, custo-benefício que, em ambiental, às vezes, não tem preço, mas a gente tem que fazê-lo¹⁶. Particularmente, eu cheguei aqui em 2001 não conhecendo nada de mineração. E a própria Vale do Rio Doce é uma escola e hoje eu posso falar, em alto e bom tom, que aprendi muito, dentro dessa área ambiental, dentro da Vale. Eu tenho que agradecer à empresa por isso, por ter me dado essa oportunidade de evoluir como

¹⁵ Conjunto de seres vivos que habitam ou habitavam determinado ambiente geológico.

¹⁶ Provavelmente, o entrevistado quis dizer que uma atividade que priorize a preservação ambiental pode não atender ao critério de menor custo, mas que, ainda assim, a empresa se preocupa em fazê-lo.

profissional e estar contribuindo para a empresa, que são duas coisas maravilhosas. Bom, começou a atividade minerária, você tem que começar a controlar tudo isso aí. Você começou a fazer uma pilha, você tem que revegetar a pilha, para evitar que seja carregado esse material para o curso de água, apesar de você ter uma barragem. Você tem que garantir os parâmetros dos efluentes que você lança nos cursos de água. Sobre isso, nós fazemos relatórios, encaminhamos para o órgão ambiental para atestar aquilo que nós estamos fazendo. Resumidamente, é isso. A outra atividade muito importante que nós temos é levar para aqueles empregados que estão entrando na empresa, um próprio ou terceiros, o modo como a Vale trabalha com a questão ambiental. Então, tem um título que nós chamamos de “ambientação”. Nós ficamos de três a quatro horas com essas pessoas, mostrando exatamente isso que eu estou falando aqui, quanto a Vale tem de área hoje, de vegetação natural aqui ao redor da Mina, do complexo de Mariana. Ela propôs uma área de 3680 hectares do RPPN¹⁷ em Alegria¹⁸. Tem a Fazenda Frasão¹⁹, onde estou desenvolvendo um trabalho de recuperação dessa área, introduzindo espécies da mata nativa. Já está no quarto ano. O órgão ambiental vem aqui, atesta o que nós estamos fazendo e aprova. As áreas de reserva legal que nós mantemos aqui, tanto remanescentes de Mata Atlântica quanto do Cerrado... Aqui nós estamos em uma região exatamente de transição para o Cerrado. Em Belo Horizonte²⁰ já é Cerrado; nós estamos a 70 quilômetros do Cerrado. E temos a Mata Atlântica. O Morro do Frasão é uma exuberância! Nós temos ali espécies como jacarandá da Bahia, braúna, jequitibá, não é? A gente quase não vê isso mais! Onça parda, jaguatirica, tamanduá, paca, aves... Os ornitólogos, quando vêm aqui, ficam maravilhados! E a gente prova para o órgão ambiental e para a sociedade também – porque não é só para o órgão ambiental que nós temos que provar, mostrar isso, deixar isso bem claro; é para a sociedade – que a atividade consegue, que nós conseguimos conciliar mineração e meio ambiente de uma forma muito tranqüila. Então a fauna está lá: os animais, os mamíferos, as aves, anfíbios, peixes, estão todos lá! A gente

¹⁷ Reserva Particular do Patrimônio Natural.

¹⁸ Mina de Alegria, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Mariana.

¹⁹ Até o momento, não foi possível obter informações sobre o local.

²⁰ Capital de Minas Gerais.

consegue manter isso sem causar tanto impacto ou um impacto mínimo, em relação a outras atividades de subsistência para o ser humano, como eu já falei, como a agricultura e pecuária, que são altamente impactantes.

Keka Simões – Você estava falando desse processo de identificação do tipo de animal, das espécies tanto vegetais quanto animais. Para fazer esse trabalho, existe uma equipe de pessoas especializadas. Nessa Gerência, além do seu caso que é um engenheiro florestal, que foi para a questão ambiental com mais força, que tipo de profissional, que perfil é necessário ter para trabalhar nessa área? Dentro de uma mineradora, no caso?

Robson Lorenzoni – Ela é bem mesclada. Tem que ser uma área polivalente com relação à profissão. Nós temos engenheiros químicos, biólogos, geógrafos, engenheiro florestal, engenheiro agrônomo, administrador de empresa focado em Engenharia Ambiental, temos engenheiros ambientais, pessoas fazendo especializações nessas áreas, engenheiro civil – no caso, o Juliano²¹ que mexe com licenciamento... Então, é uma gama variada de profissões que, no conjunto, ajudam a dar norte para a Gerência, estruturam a Gerência e dão norte para as soluções da Gerência.

Keka Simões – Você citou vários animais e árvores colocadas na Mata do Frasco. Nesta região que, como você disse, é de transição para o Cerrado, quais outras espécies... Por exemplo: em uma área com uma característica maior de Cerrado, quais espécies estariam protegidas – não deixa de ser uma proteção – pela mineradora?

Robson Lorenzoni – Como já dissemos, nós temos uma transição aqui para campo rupestre, com os campos altimontanos. Nesses campos, nós temos o lobo-guará, uma espécie que está aqui muito próxima. Não estou lembrando agora se está em extinção. Nós temos guaxinins. Vamos colocar espécies vegetais: orquídeas, bromélias, outras gramíneas... A gente agora está fazendo um estudo para usar essas gramíneas em função... Substituir as exóticas pelas nativas. Esse estudo está sendo desenvolvido pela Vale do Rio Doce. Na questão da Mata Atlântica, eu falei de onça-parda. Tem relato de onça-pintada nesta região aqui. Na fazenda, em Fazendão²², eu tenho foto de pegada do

²¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²² Mina de Fazendão, complexo de mineração pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada entre Mariana e Catas Altas, município de Minas Gerais.

adulto, fêmea e filhote, muito grande pelo tamanho da pegada. Anta tem na Mina de Alegria, coisa rara por aqui! Tatu... De aves eu não sou um bom conhecedor. Eles chamam de azulão, que está em extinção, nós temos... Mas são muitos...! Canário-da-terra. Em Alegria... É muito interessante. As pessoas, quando vão à Alegria... Lá os jacus passeiam na frente das pessoas, eles têm todo o direito de ir e vir. Vão lá comer as amoras, as flores que eles adoram. Então essa relação é muito tranqüila. A gente tem o prazer de estar convivendo com a mineração ali, mas está com a natureza exuberante ao lado. Você consegue ver esses animais, você consegue ouvir os animais. Um outro, primata, é um macaco. Se não me engano, o nome vulgar dele é sauá: um macaco grande que tem aqui também. Veado mateiro... São tantos que... Peixes: tem lambari, lambari bocarra, traíra, que o pessoal comumente conhece aqui na região.

Keka Simões – Você falou da questão de ter uma pilha. Eu imagino que seja uma pilha de rejeito ou estéril.

Robson Lorenzoni – É estéril. Chama-se estéril, porque o rejeito você pode aproveitá-lo. O estéril não, não tem utilidade nenhuma.

Keka Simões – Como se faz essa recomposição, reflorestar uma parte que está com a pilha? É a partir dessa pesquisa do tipo de vegetação que existia naquela região? Como é isso?

Robson Lorenzoni – Nós aproveitamos... Na realidade, o ser humano gosta de aproveitar pela rapidez e, se a gente não tivesse feito isso pelo menos há 10 anos, não teria o efeito positivo que tem hoje. Então se optou por usar gramíneas que se usam em pastagens. Foram testadas aqui, tinham uma recuperação, um cobrimento da área rápido; então garantiam a você não ter uma [inaudível] pelo vento, nem pela água. Depois se descobriu o seguinte: no começo, você dá uma carga de adubo grande para vir com mais vigor, com mais rapidez, e formar essa cobertura verde para estabilizar essas áreas. Além disso, são feitas canaletas de drenagem para você evitar a erosão da área, para você estabilizar a pilha, tanto geotecnicamente – tanto a coisa física – quanto pelo lado ambiental. Bom, o que a gente está percebendo pelas pilhas antigas? Que o capim que é usado, que é um muito comum – usava-se aqui um capim meloso e uma braqueara... O que acontece? Quando você deixa de adubar, ele vai morrendo e vai formando uma camada orgânica. Então ele vai

restituindo àquela camada superficial uma condição para as espécies nativas se estabelecerem. O que é muito interessante isso! A natureza é muito sábia! Ela faz isso, existe esse equilíbrio. Nós percebemos exatamente isso na pilha mais antiga que tem lá, que é a do Serragem, aqui em Timbopeba. Nós estamos manejando a pilha de forma que a vegetação nativa venha naturalmente. E já tem um trabalho, também de quatro anos, de acompanhamento e está tendo um resultado fabuloso!

Keka Simões – Interessante isso, não é?

Robson Lorenzoni – Muito!

Keka Simões – De ter a possibilidade dessa recomposição, não é?

Robson Lorenzoni – Isso foi exatamente o ponto que gerou... “Pôxa, mas se a vegetação nativa consegue fazer isso e está garantindo esse papel... Pôxa! Vamos procurar quais são as gramíneas nativas da região e se elas se adaptam a isso”. Então, no Instituto Vale do Rio Doce²³ – que tem sede em Linhares²⁴, que é responsável por desenvolver essas pesquisas –, eles testam, pesquisam e depois nós fazemos os testes e implantamos aqui.

Keka Simões – Esse Instituto é específico para essa questão ambiental?

Robson Lorenzoni – Ele tem outras vertentes, não é? Mas ele tem um leque muito forte nessa área de produção de mudas, espécies nativas, não é? No Espírito Santo, ele tem um papel importantíssimo: produção de mudas para o porto de Vitória, para as outras unidades operacionais da Vale do Rio Doce, ferrovia. Quando nós não conseguimos fazer as nossas mudas aqui, nós recorremos a eles e eles... Nós compramos, entre aspas, porque é um Instituto: ele não tem fins lucrativos, mas tem que se manter. Nós temos um viveiro em Alegria, com o papel de coletar as sementes das espécies que ocorrem na região e reproduzi-las. As mudas que nós plantamos aqui são das espécies que ocorrem aqui. Nós não estamos trazendo espécies exóticas, mesmo que seja uma espécie que tenha ocorrência em outro estado, em outro biótipo, outro ecossistema como nós chamamos. Nós estamos coletando aqui, de forma também que a gente faça essa condução... A Vale permite que a gente vá a congressos especializados nessa área de preservação ambiental, em que a gente consegue assimilar as novas tecnologias que são propostas. E a gente

²³ Instituto Ambiental Vale do Rio Doce.

²⁴ Município do Espírito Santo.

aplica aqui. Então, frutífera é uma coisa interessantíssima! Por quê? Você vai atrair ave; as aves, os animais vão ser os próprios propagadores e adubadores das sementes, que vão ser espalhadas naturalmente. Você imita a natureza em um ciclo: planta as mudas, começa a formar aquele dossel florestal – mesmo que ralo – e as próprias espécies contribuem para disseminar e aumentar esse dossel, enriquecendo-o com outras espécies. É muito legal! Muito bonito!

Keka Simões – Esse trabalho de pesquisa e essa recomposição ambiental são trabalhos internos da Vale do Rio Doce, vamos dizer assim. Existem programas ou projetos sobre educação ambiental para fora da própria Companhia, que trazem essa discussão para a comunidade, o entorno, as escolas, não só via CODEMAS? Existe esse tipo de trabalho ou, pelo menos, essa possibilidade?

Robson Lorenzoni – Existe, existe e isso é forte dentro da Vale! Eu participei agora de uma reunião de segunda-feira. A equipe que estava lá já trouxe um diagnóstico da percepção ambiental do público interno – dos empregados próprios e terceiros – e da percepção da comunidade sobre o trabalho que nós já estamos fazendo há quase cinco anos. É mais forte... Nós chamamos de Programa de Educação Ambiental para o público externo, que é Vale Comunidade²⁵. Aí está inserido não só o desenvolvimento da comunidade, como percepção como comunidade; como ela vai se inserir na comunidade – as pessoas se inserem; como vão se desenvolver na comunidade. Isso pela própria escolha. Então vai mexer com artesanato, quer um curso especializado para produzir muda... É a própria comunidade que define. A Vale dá a vara, o anzol, a isca e ensina a pescar; não dá o peixe. Isso é muito interessante! E esse diagnóstico que foi feito é exatamente para você aprimorar o Programa. O público interno vai receber agora uma carga mais forte. Como nós vamos trabalhar o público interno para essa percepção ambiental? A Vale está querendo fortalecer isso mais. Isso tem que estar na pele, no sangue de cada funcionário, para ele poder praticar exatamente isso também, não só dentro da Vale, mas trazendo isso para a comunidade dele. Então, os programas se encaixam. Dentro desse Vale Comunidade, em uma parte dele nós levamos a comunidade até a Vale, para visitar as nossas instalações. Lá, eles têm a

²⁵ Programa de responsabilidade social da Companhia Vale do Rio Doce que engloba os seguintes projetos: Estação da Cidadania, Lá vem o Trem / Olha o Trem, Encontro com Lideranças, Visita Comunidades, Visita Lideranças e Terças no Museu.

oportunidade de ouvir essa explanação sobre meio ambiente, sobre mineração, como você extrai o minério, beneficia, leva para o porto, tudo, até a parte da recuperação ambiental. Eles vão lá e constatam isso visualmente também. Então, eles têm uma percepção muito maior do que é a mineração, do que é o contexto da mineração em Timbopeba e Alegria, Fábrica Nova²⁶ ou Fazendão. É oportunidade ímpar para a comunidade. São levadas escolas, o público escolar, até uma certa idade, e também a comunidade. Não sei... Qualquer pessoa que queira se inscreve e vai lá. Tem um limite de idade em função da questão da segurança, porque a Vale tem que prezar por esse lado também. Então, são programas importantíssimos para mostrarmos para a comunidade. E nós ouvimos também a comunidade. Não é só uma via, tem um retorno da comunidade. Nós temos a oportunidade de dialogar, conversar: eles expõem o que eles achavam que era a mineração, a preocupação deles com relação à água – que hoje é uma tônica mundial, o problema da água no mundo. Literalmente falando, nós estamos aqui na maior esponja do mundo, por causa do Quadrilátero Ferrífero²⁷: absorve, vai soltando a água vagarosamente. A maior caixa d'água do mundo é isso aqui!

Keka Simões – Eu não sabia disso! [riso]

Robson Lorenzoni – É. Nós temos nascentes de quatro rios importantes do Brasil: o São Francisco, o Doce, Paraopeba, se eu não me engano... Tem mais um que eu não consigo guardar o nome, [riso] que vai lá para o lado de São Paulo, vai embora, banhando o Paraguai da vida lá. Ele é um afluente do grande rio. Então nasce onde? Nasce aqui em Minas Gerais, nasce aqui na nossa porta. Um outro trabalho interessantíssimo que a gente consegue dar também: participa dessas ações na Semana do Meio Ambiente. A questão da água, voltando à questão da água. Enfatizar o desperdício. Como você tem que tratar a questão da água dentro da sua casa, começar dentro da sua casa para levar isso para a comunidade. Então eu acho que a Vale tem contribuído, vamos dizer assim, para a comunidade do entorno de uma forma positiva nesse quesito ambiental.

²⁶ Mina de Fábrica Nova, mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Mariana.

²⁷ Província ferrífera situada na região central de Minas Gerais.

Keka Simões – Voltando um pouquinho a uma questão geral, não Vale do Rio Doce, mas à questão meio ambiente – mineração. No início da sua fala, você colocou que a mineração causa um impacto e que existe um impacto muito maior da agricultura e da pecuária, por exemplo. Quais são os impactos que uma mineração, em teoria, que não tem um trabalho, um cuidado com essa recomposição, com essa regulação do seu entorno... O que pode acontecer?

Robson Lorenzoni – Olha, quando a gente fala a palavra “impacto” denota sempre negativo.

Keka Simões – Ele pode ser positivo também.

Robson Lorenzoni – Pode.

Keka Simões – Exatamente.

Robson Lorenzoni – Tem impacto positivo: a questão econômica, o desenvolvimento da região, a melhoria da instrução, resumidamente falando. É o caso do Projeto Fazendão, hoje: a Vale está trabalhando dentro da comunidade para capacitar a comunidade, para ficar a mão-de-obra local, e não para trazer mão-de-obra de fora. Isso é importantíssimo! Voltando para o assunto ambiental, uma barragem, por exemplo. Nós tivemos acidentes gravíssimos nos últimos cinco anos. Primeiro, com a Rio Verde²⁸, próximo a Belo Horizonte, em Macacos. Agora, mais recentemente, em janeiro, em Mirai²⁹: uma extração de bauxita que causou aquele impacto ambiental que chegou ao Rio de Janeiro; chegou até o mar a questão da lama. Bom, essa preocupação nós não temos na nossa empresa. Por quê? A seriedade como isso é tratado e o cuidado que é dado... Principalmente essas estruturas, vamos dizer, mais perigosas, são cuidadas como um bebê. São feitas análises de desvios milimétricos. Se ela teve um deslocamento milimétrico, isso é acompanhado diuturnamente. Se tiver um nível de água subindo, se tiver algum risco... Isso é acompanhado. Então, graças a Deus... É encaminhado anualmente para um órgão ambiental, feito através de uma empresa idônea, [que faz]³⁰ esse relatório, garantindo a estabilidade dessas estruturas. Outro impacto negativo advindo da mineração seria você lançar um efluente fora do

²⁸ Refere-se ao rompimento de uma barragem de rejeitos pertencente à Mineradora Rio Verde, em São Sebastião das Águas Claras (também conhecido como Macacos), distrito de Nova Lima.

²⁹ Refere-se ao rompimento de uma barragem de rejeitos pertencente à Mineradora Rio Pomba Cataguases, em Mirai, município de Minas Gerais.

³⁰ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

padrão. Algumas minerações mexem com... Tirar ouro, você tem uma substância que é tóxica para peixe, para o ser humano... Graças a Deus, nós não temos na nossa atividade hoje, aqui, uma substância que cause esse impacto. Nós podemos alterar o teor de ferro, manganês, na água solúvel; alterar a cor da água, a turbidez, mas não que ela seja imprópria para consumo, tanto dessedentação de animais como consumo humano. Essa garantia, por um lado, você tem que ter, para minimizar o impacto ambiental. Uma pilha que escorregue vai causar impacto na vegetação. Uma barragem, você pode matar pessoas! Então, é muito sério e a gente tem que levar isso com todo cuidado, com todo profissionalismo e toda responsabilidade.

Keka Simões – Você chamava atenção para o caso do ouro, para a possibilidade de ocorrência de elementos que são tóxicos. Eu puxo um pouco para a questão do garimpo. A gente também está trabalhando com isso e tem ouvido alguns falando da questão do mercúrio que é usado. E sempre pergunto para eles sobre a Área de Reserva Garimpeira, que hoje é prevista pela legislação. Eu acredito que nessa Área de Reserva Garimpeira alguns cuidados vão ser exigidos. Infelizmente, com quem conversamos, poucos sabem que existe isto: Área de Reserva Garimpeira. Eu gostaria de saber quais seriam, em um garimpo, em uma Área de Reserva Garimpeira, os cuidados que poderiam ser tomados para que não ocorressem acidentes – desastres, mais até do que acidentes? Em um garimpo ou em uma mineração mal feita.

Robson Lorenzoni – Um garimpo é uma atividade minerária, extrativista e minerária. Então, é regida pelo próprio DNPM³¹, que rege a atividade da Vale do Rio Doce. Qualquer grupo de garimpeiro ou garimpeiro pode requerer uma área para garimpo. Nós somos donos só da superfície da terra; o que está embaixo é do governo³². Então é um bem público. Bom, ela é impactante. Toda atividade minerária é impactante. E mais impactante é o garimpo, pelos seguintes fatores: as pessoas não têm o cuidado... O garimpo evoluiu... É uma atividade degradante desde o início do nosso século. Em Minas Gerais, desde mil seiscentos e alguma coisa. Toda essa região... Por isso se chama... Nós temos Minas Gerais, são gerais as minas e o povo mineiro; é a origem, é o berço, não é? Então, a evolução do garimpo do ouro em cursos de água não

³¹ Departamento Nacional de Pesquisa Mineral.

³² O subsolo é distinto do solo em termos de propriedade. O subsolo pertence à União.

teve uma evolução nesse tratamento. Porque ela é muito impactante: você vai afetar área de preservação permanente. Você vai afetar a qualidade da água e como você controla? São... A dificuldade é muito maior para você controlar isso. Você não vai fazer um barramento³³ no rio para depois tirar o barramento. Como você vai fazer esse barramento para controlar a qualidade da água? Vai tratar essa qualidade dessa água? É extremamente complicado! E geralmente é uma atividade gananciosa, porque ele não vai querer guardar uma parte daquele ouro que ele ganha ali para investir na recuperação daquilo que ele impactou, que é extremamente caro. Para ele tirar o ouro é rápido. Agora, para reverter... Nós temos exemplo aqui no Rio do Carmo³⁴, abaixo da barragem de Bicas³⁵, ou acima também, depois da Vila Samarco³⁶. Eles começaram a fazer a extração de ouro e deixaram lá as áreas totalmente impactadas. O rio lá tinha 10 metros de largura; hoje tem 100 em alguns lugares. E não voltaram para recuperar! Então, é uma recuperação muito mais difícil, muito mais demorada, muito mais trabalhosa. Não estou falando que seja impossível. Agora, tem sim que pesquisar novas formas de fazer isso para minimizar o impacto. Por isso eu falei que isso não evoluiu tanto quanto a mineração de minério de ferro, de ouro em minas localizadas ou subterrâneas. A tecnologia para isso evoluiu bastante; agora, não para a questão do garimpo em curso de água direto. Infelizmente não.

Keka Simões – Eder, tem alguma coisa para perguntar?³⁷ Robson, você gostaria de colocar alguma coisa a respeito do seu trabalho? Recompensas ou alegrias que você tem na sua atividade profissional? E problemas também, se os teve?

Robson Lorenzoni – Problemas, graças a Deus eles existem para a gente tentar solucioná-los! Eu me considero uma pessoa feliz, porque gosto do que faço e trabalho na área que gosto. Então, nós fazemos isso com mais prazer. E os resultados, eles são mais vistos e mais... Menos demorados. Às vezes, nós ficamos ansiosos para obter uma resposta de um trabalho que estamos fazendo, com a equipe ou isoladamente. O gratificante é o retorno que isso dá.

³³ Espécie de barragem para depósito de materiais usados na mineração.

³⁴ Ribeirão do Carmo, que passa pela região de Mariana.

³⁵ Município de Minas Gerais.

³⁶ Bairro construído para moradia dos funcionários da Samarco Mineração S/A, localizado em Mariana.

³⁷ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

Estar lá mostrando uma área para uma equipe de estudantes, uma área que nós estamos recuperando... Daí, eles: “Pôxa! Mas é assim? É assim que vocês fazem? Eu não tinha a menor idéia disso!” Quando estou dando “ambientação”, eu começo a chamar a responsabilidade dessas pessoas para serem cidadãs. Quando a gente termina, não é só a questão do aplauso. É você: “Pôxa! Gostei da sua palestra! Eu vou tentar mudar. Eu vou tentar me cobrar mais por causa disso”. Você vê a pessoa dentro da empresa também com esse foco... Então de cem, quando eu consigo 10, eu sou uma pessoa realizada!

Keka Simões – Bom, em nome do Vale Registrar e do Trem da Vale, eu gostaria de agradecer seu depoimento, que certamente vai enriquecer o material da Biblioteca Infanto-Juvenil³⁸. Muito obrigada.

Robson Lorenzoni – Eu agradeço pela oportunidade. Espero que seja de bom conteúdo e que alguém possa aproveitar isso aí.

Keka Simões – Está ok.

[Término da entrevista]

³⁸ Biblioteca Infanto-Juvenil da Estação Ferroviária de Mariana.